

ESCRITA JORNALÍSTICA E MÍDIA: O JORNAL ENTRE O IMPRESSO E O DIGITAL

SILVA, Telma Domingues / UNIVAS
(telmadds@gmail.com)

Tendo como corpus de análise os manuais de imprensa, desenvolvi anteriormente uma reflexão sobre a escrita jornalística (Silva 2001), considerando os *instrumentos de gramatização*, conforme a concepção de Auroux (1992), e as relações apontadas por ele entre “um saber do tipo gramatical” e “a prática textual na base de uma prática da escrita”. Não compreendo o manual de redação jornalística como um novo instrumento de gramatização, mas como um *discurso sobre a escrita jornalística* que se constitui na própria relação com o imaginário de unidade da língua e com os efeitos de uma dada escolarização que são sustentados, ambos, pela gramática e pelo dicionário enquanto instrumentos de gramatização em uma língua nacional.

Através dessa abordagem dos manuais de imprensa enquanto fato discursivo, pois, discuti o jornalismo como prática textual e a formação do jornalista como um *sujeito-escriptor*, que, segundo mostra a análise realizada, seria o *escritor da comunicação* por oposição ao *escritor literário*, com o qual o manual se confrontaria.¹

No Brasil, alguns acontecimentos na prática da redação jornalística funcionam como marcos de uma determinada “mudança em andamento”, permitindo-nos compreender o processo discursivo que produz simultaneamente o jornal, o jornalista e o jornalismo na sociedade – associados a esses marcos estão os manuais de imprensa, primeiro a sua inserção na prática jornalística e depois a sua publicação. Nas décadas de 50/60, a adesão ao *lead* e aos *style books* (manuais) marca o momento em que os jornais brasileiros passam a ter como modelo o jornalismo americano, em substituição ao jornalismo europeu. Os manuais tinham nesse momento uma circulação interna, sendo que a sua publicação, que tem início na década de 1980, durante a Abertura, vem corresponder à significação de um processo de re-democratização no país.

Neste ano de 2010, por sua vez, os jornais de São Paulo *Estado* (em 14 de março) e *Folha* (em 23 de maio) realizaram mudanças editoriais, que contemplariam a questão atual de que *o jornal* se faz a partir de dois diferentes “suportes” ou “plataformas”: o digital e o impresso. Nesse momento, a Folha passa a funcionar com uma redação só, o que não

¹ O texto situado como exemplar na escola é o texto literário até recentemente, quando o texto jornalístico passa a se colocar também como modelo.

ocorre com o Estado, que mantém as duas redações, embora afirmando uma integração entre elas. Tais mudanças realizam-se associadas a reformulações sobre o aspecto gráfico.

Mudanças e reformulações do produto jornalístico, quando ocorrem, têm sido expostas ao público: os jornais (jornalistas, editores...) falam sobre o que está sendo realizado, ao seu leitor ou ao público em geral, o que tem um efeito publicitário. Nesse caso, a Folha fez um documentário e o Estado um caderno especial. Esta é uma análise preliminar, pela qual inicio uma reflexão sobre a identidade do jornal e da prática jornalística hoje, nessas relações entre o digital e o impresso, isto é, no momento em que (d)a prática jornalística (se) fala ao leitor dessa necessidade de uma “integração das redações”. Tomei as enunciações sobre as mudanças para um levantamento dos possíveis caminhos de análise.

A redação jornalística se faz através das edições diárias, e essa prática de uma escrita jornalística que vai todos os dias a público, em um conjunto diversificado de textos, produz a unidade *jornal* – uma unidade heterogênea, constituída de outras unidades, nas séries de diferentes textos e tipos de textos (notícias, editoriais, fotografias, quadrinhos etc.). Porém, *jornal* implica em uma determinada organização dessa escrita específica, a jornalística, em uma textualização também específica, ou seja, implica a constituição de um efeito de fechamento, de uma autoria – através, inclusive, da figura do editor-chefe.

O que é o jornal hoje? Algumas contradições nos enunciados dos jornalistas responsáveis por essas mudanças serão aqui trazidas para uma discussão.

O Estado diz que “as fronteiras entre papel e *on line* se dissolvem” (<http://portalimpresa.uol.com.br/portal/últimas>, acessado em 16/6/2010) e a Folha fala da “fusão orgânica dos dois meios” (documentário “O jornal do futuro”). Essa enunciação, tendo em vista as modificações que são realizadas, mostram que na prática jornalística hoje a produção do jornal e a sua textualização devem ser trabalhadas para que o leitor possa perceber um só produto: a fusão seria, nesse sentido, a inscrição de marcas de identificação e/ou complementação, no sentido de integrar o que estaria em princípio dividido.

O enunciado “enquanto se discutia o futuro do jornal, a Folha fez o jornal do futuro”, em que se evidencia um efeito publicitário, mantém por sua vez a discussão sobre esse futuro do jornalismo como presente. O vídeo mostra que no prédio da Folha o andar em que ficavam as rotativas é reformado: as rotativas ficariam na memória. A reforma do prédio é realizada, porém a indagação sobre esse “corpo” (o jornal) mantém-se no decorrer

do vídeo.

Primeiramente, essas mudanças editoriais e gráficas apontam, novamente, para a produção do leitor do jornal como um leitor de imagens e figuras. Fala-se em dar maior destaque às imagens e recursos infográficos (Estado), em maior identidade entre as editoriais (Folha) e de um olhar mais moderno para a fotografia (Folha). A diferenciação na diagramação sinaliza ao leitor sobre como os textos devem ser lidos:

“Nas matérias de análise, os textos serão publicados em colunas mais largas em relação aos demais. Já os textos que dão suporte ao entendimento sobre determinados fatos terão sempre fundo colorido.”

Observa-se ainda o trabalho sobre o “tipo”: a Folha voltou a utilizar a fonte própria (Folha serif) e o Estado criou uma fonte (Estado headline).

Na contrapartida de uma consideração da leitura das imagens e gráfica, o texto verbal deve ocupar menos espaço:

“Embora abrigue o mesmo conteúdo, a área de texto está menor.” (diz Gandour, diretor de conteúdo do Grupo Estado).

“... menores mas mais analíticos” (diz Sérgio Dávila, editor-chefe da Folha).

Colocou-se a meu ver uma questão sobre a identidade do jornal, em função de uma divisão da prática jornalística entre o impresso e o *on line*, ou, ainda, colocou-se a ameaça de um fim do jornal. Esses enunciados mostram, pois, o modo como se dá na prática do jornalismo um re-investimento sobre o “corpo” do jornal, um trabalho sobre esse texto, que é cada vez mais voltado para o consumo da imagem, e para a valorização de uma identidade corporativa (o Estado é o Estado e a Folha é a Folha, nos dois meios).

BIBLIOGRAFIA:

AUROUX, Silvain, *A revolução tecnológica da gramatização*, Campinas, Ed. da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni, *Interpretação*. Petrópolis, Vozes, 1996.

_____ *Discurso e texto*, Campinas, Ed. Pontes, 2001.

SILVA, Telma Domingues da, “Os manuais de imprensa: da redação à circulação pública”. In ORLANDI, E. (org.), *História das Idéias Lingüísticas no Brasil*, Campinas: Pontes, 2001.